

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 16 de abril

A questão da interferencia ingleza está hoje resolvida. Sabemos a fundo a sua historia, que vamos fazer patente.

Os ministros de Lisboa, perdendo as esperanças de vencer a causa nacional por forças próprias, haviam implorado de mãos erguidas a protecção e auxilio do gabinete britannico por meio de uma nota dirigida a lord Palmerston em 17 de março, na qual por todos os modos buscavam fazer persuadir como indispensavel a interferencia estrangeira nos nossos negocios. Allegavam na sua aviltante supplica que a revolução nacional era uma insurreição miguelista, tendo por fim desthronar D. Maria II para acclamar D. Miguel, perigando d'esta sorte a pessoa e dynastia da rainha, e ainda mesmo o socego da Peninsula; e que por isso se devia entender chegado o caso d'Inglaterra interferir n'este negocio, por ser uma das potencias signatarias do tratado da quadrupla alliança, reclamando por consequencia todo o seu auxilio e protecção...

Proclamavam os cabralistas que não tardaria por parte do gabinete inglez a resolução favoravel da reclamação que lhe tinham dirigido; e na semana passada espalhavam que o barão de Moncorvo participára de Londres em 30 do mez ultimo, que no dia immediato se tomaria uma deliberação a tal respeito pelo ministerio britannico, que se compromettia a submeter o partido nacional á vontade caprichosa dos auctores da emboscada de 6 d'outubro.

No dia 11 entrou, vindo de Portsmouth com 5 dias de viagem, o vapor de guerra inglez *Sidon* trazendo despachos para os ministros, e para a legação ingleza. Os cabralistas publicavam por toda a parte o que elles chamavam o seu triumpho; diziam com ufania que as esquadras inglezas por um lado, os batalhões de Castella por outro, voariam em seu auxilio; e que o

traioceiro golpe d'estado de 6 d'outubro estava canonizado pelas potencias alliadas. Faltando sempre em tudo á verdade, agora o fizeram tambem: emendaremos esta grande falta relatando com exactidão o que ha sobre este negocio de grave importancia.

O gabinete britannico respondendo á nota dos ministros de Lisboa declara «que não considera de fórma alguma chegado o caso de «entrarem em accordo as potencias signatarias «do tractado da quadrupla alliança, principalmente porque esse tractado se podia considerar tão sómente para o fim que se concluiu «em 1834, não existindo actualmente as circumstancias que então o tornaram necessario. «Que não se proclamára agora D. Miguel ou o «seu governo; que nos actos officiaes publicados pela junta do Porto se tem invocado sempre o nome da rainha; que a revolução popular tem demonstrado claramente não ser dirigida contra a pessoa de S. M., seu throno, «ou dynastia; mas sim uma demonstração de «energia nacional para reprimir um abusivo «acto de força condemnado por todos os principios constitucionaes—que o governo inglez «não se intrometterá n'estas circumstancia a «classificar merecidamente o acto que em nome da rainha se praticou na noute de 6 de «outubro—que pondo de parte estas considerações e o seu desinvolvimento o governo inglez só contempla que a guerra civil está ateadada em Portugal; que o paiz se acha horrorosamente devastado; e que a Inglaterra, sua «antiga e sempre fiel alliaada, não póde encerrar sem o mais profundo sentimento de dôr «uma semelhante prespectiva; que desejando «mui verdadeiramente que a paz, firmada na «liberdade, se consolide na Peninsula, de boa «vontade se prestará a uma conveniente mediação d'accordo com o gabinete de Madrid, «uma vez que S. M. a rainha de Portugal se «preste por meio dos seus actos a conciliar-se «com os seus subditos, cujos animos lhe estão

«alienados; e para tal fim julga o governo britânico como indispensavel desde já:

«1.º Que se ponha em pleno vigor e fiel execução a carta constitucional com todas as suas garantias politicas e individuaes, sem a menor restricção.

«2.º Que a rainha nomeie um ministerio composto de pessoas cujo bom character e sentimentos politicos offereçam garantias á opinião publica, e que por maneira alguma se tenham mostrado sectarios ou adherentes do systema seguido desde 6 de outubro.

«3.º Que promptamente sejam convocadas as côrtes geraes da nação.

«4.º Que se declarem de nenhum effeito todas as medidas decretadas pelos ministros, em nome da rainha, exorbitantes do poder legal que a carta confere ao executivo.

«5.º Que sejam declarados como não existentes, e para mais se não fazer menção, todos os decretos de exauthoração de postos, logares, titulos, condecorações, e honras que se tenham publicado ficando consideradas para todos os effeitos as pessoas exauthoradas como se taes decretos nunca existissem.

«6.º Que sejam restituídos promptamente ao reino, e ás suas familias os infelizes que foram deportados para Africa, e que alli, ou em outra qualquer parte, se achem privados da sua liberdade, ou ainda mesmo fossem constrangidos a sair para fóra do reino, como succedeu com uma personagem eminente por seus serviços e dedicação á rainha e á carta constitucional.

«7.º No caso de que a rainha acceite, para desde logo fazer executar as condições propostas pelo governo britannico, este se compromette a usar de todos es meios efficazes e convenientes para que as condições indicadas mereçam a adherencia d'aquelles que nas mesmas podem ser interessados.»

O conhecimento d'esta nota em termos tão explicitos deixou como petrificados os ministros de Lisboa, que no dia 13 se reuniram na secretaria do reino convocando para a uma hora da tarde diferentes individuos, que quizeram ouvir, entre os quaes sabemos que fôra o visconde de Laborim, os conselheiros Mello e Carvalho, Manoel Duarte Leitão, Felgueiras, Miranda, presidente da relação, os procuradores regios da corôa e fazenda, o Trigueiros, Bayard, e Gomes de Castro. O visconde de Laborim parece que fallára em João das Regras, que invocára o condestavel, e proferira outras muitas cousas no seu gosto *curuscante*. O Ferrão gritou como um possesso, clamou que todos se deviam armar, que as condições propostas eram ignominiosas ao mais excessivo ponto, e que não se deveria ceder de forma alguma, porque os inglezes sempre favoreceram os revolucionarios.

O Gomes de Castro deitou-se aos inglezes como S. Thiago aos mouros; fallou no respeito

que elle lhes tinha imposto durante o seu ministerio, em hermeneutica diplomatica, e outros despropositos taes que o proprio Bayard se mostrou admirado de tanta ignorancia e de tanta ousadia.

Os ministros do reino, justiça, marinha e estrangeiros declararam que as propostas eram inadmissiveis. O da guerra votava por ellas por conhecer a impossibilidade de ser vencido o povo pelas armas. O da fazenda quando ouvia os protestos da nossa nacionalidade offendida e appello para as armas, encolhia os hombros, ria-se, e declarava *que tudo aquillo era muito bom; mas que o peor era o não haver dinheiro*.

Por fim concluíram dizendo que as forcas caudinas estavam levantadas, que não havia remedio senão passar por baixo d'ellas, e que para isso se buscassem quantos meios fossem possiveis para que as condições offerecidas não sendo, como não seriam, postas de parte, fossem pelo menos modificadas.

Mas no caso de não o serem? perguntava o ministerio. *Soffrer e callar* respondiam os rigidos amantes da nossa independencia e nacionalidade.

Toda a papellada, com estas opiniões juntas, foi apresentada ao conselho d'estado no dia 15.

Aqui nova celeuma se levanta, e a imbecillidade e ignorancia do ministerio é arguida pelos seus co-partidarios. Em vão se estreia D. Manuel de Portugal para mostrar que é resolutto e esperto, e o Marcellino Maximo gasta mal a sua eloquencia em querer provar que os recursos do paiz são immensos lançando os olhos para as joias da corôa; por que o patriarcha, fallando pela bocca de Jesus Christo, declara, com magua, que não ha magia em voz nenhuma do mundo que arrebanhe o povo á roda de um throno cujos degraus o ministerio tem salpicado com o sangue dos subditos mais fieis, cubrindo com o negro crepe a estatua da liberdade. A conclusão do conselho foi—*que se acceitassem as propostas, fazendo se todos os esforços para serem modificadas*.

Abi ficam os factos como na verdade se passaram. Não revelamos nada ao publico; porque os mesmos cabralistas tiveram esse trabalho vindo contar as suas vergonhas. Agora as reflexões.

O facto de pedir a intervenção é por si só um escandalo. Um partido nacional nunca o faria; o progressista nunca recorrera a esse meio. A nação póde debellar as facções, e se não as debella é porque o seu nome é invocado em vão. Quem tem a maioria tem a força, e quem tem força propria não busca a estranha.

A intervenção, pois, não significava senão que a côrte queria subjugar a maioria com a minoria, o que é o mesmo que tornar se absoluta e despotica.

E nós não dissimulamos que a nação podia succumbir n'esta lucta desigual. Certo que á vista

dos batalhões da quadrupla alliança as forças populares não trepidariam mas morreriam todas. E morreriam sem deshonra, morreriam com gloria. A França de 1815 succumbiu de baixo dos exercitos alliados, e a França era conduzida por Napoleão, pelo Deus da guerra. A Polonia tambem cahiu; mas todos os corações generosos palpitam por ella em quanto desadoram os seus oppressores. Assim seriamos nós —preferiríamos uma morte gloriosa a um viver de ignomia, e antes quizeramos ser assim vencidos do que vencer por auxilio estranho. Não era Saldanha, não era a côrte que nos vencia, era Inglaterra, França e Hespanha.

A Inglaterra porém não quiz interferir, julgou que nem vigorava o tratado da quadrupla alliança, nem chegara o *casus fœderis* ainda quando elle vigorasse —offereceu a sua mediação mas em que termos? Ahi é que está tudo.

A Inglaterra para começar os bons officios de medianeira exige que a côrte de Lisboa entre na estrada da constituição e da justiça!

É isso o que quer a junta do Porto; foi para isso que o povo se insurgiu.

Exige que se nomeie um ministerio de gente seria, e exclue a que concorreu para a embusca de 6 d'outubro.

É isso o que a insurreição quer.

Exige a convocação das côrtes.

É isso o que nós queremos.

Exige a declaração de nullidade de todos os actos exorbitantes.

É o que a junta do Porto decretou.

Exige a restituição das patentes, honras e condecorações aos exauthorados.

É o que todo o paiz exige com as armas na mão.

Exige que sejam soltos os presos, chamados os proscriptos.

É o que todo o mundo reclama.

Feita assim inteira justiça á revolução; a Inglaterra offerece se por medianeira quer dizer empregará perante a junta do Porto a sua influencia moral para que esta acquiesça.

Mas quaes são n'esse caso os serviços que a Inglaterra fez á côrte?

São muitos. É tirar das mãos da justiça essas cabeças que lhe estão votadas; é acudir a um throno que se afunda; é valer a uma rainha que se perde; é esconder a farda e a espada de um commandante em chefe que não sabe usar d'ellas; é evitar a effusão de sangue, e dar ao partido nacional a victoria com menor sacrificio para elle, e com a menor desvantagem para os vencidos.

Constituiram a Inglaterra seu juiz, agora aceitem o *verdict*; calumniaram-nos n'uma nota infame, calumniaram a nação portugueza; digam-nos agora a resposta que tiveram. A prerogativa real não a reconhecemos n'esse acto. Se os ministros ignorantes e imbecis são demittidos é porque sir G. H. Seymour assim o or-

dena por aviso de lord Palmerston; se reconhecem o nosso direito, se desfazem tudo o que fizeram e para avitar um maior mal. Tudo isso é uma confissão geral para obter o perdão da junta do Porto.

O gabinete inglez é illustrado, e fez-nos justiça. Respondeu á côrte como devia responder —*Entra no caminho da lei, e depois farei de juiz de paz na tua contenda.*

Invoquem agora a protecção de Hespanha. Sympathisamos com os nossos visinhos, que são nobres e generosos, mas não receiamos as ameaças dos seus governos. Ainda temos padeiras de Aljubarrota, e nas fileiras hespanholas contamos mais amigos que adversarios.

Depois d'estes acontecimentos o partido cabralista morreu. Chore a rainha o triste papel que quiz fazer, ou que a obrigaram a fazer, e aprendam os homens honestos do partido ministerial, se os ha, a conhecer o seu erro, e apressem-se a remediar os males, que tem causado.

Hontem (15) chegou a esta capital vindo da Figueira o regimento de infanteria n.º 1, e alguns contingentes d'outros corpos, ao todo, 450 praças; esta força vinha na vapor inglez, fretado por conta do ministerio *Duke of Cornwall*.

O governo mandou pedir esta força ao Saldanha com medo que as forças populares do Alentejo entrassem na capital, ou houvesse n'ella uma revolução. O Saldanha fez com muito custo esta concessão.

O ministro inglez declarou ao commandante do vapor que uma vez que não era navio do estado não lhe podia prohibir o empregar-se no serviço de transporte assim como a junta do Porto podia fretar embarcações inglezas, mas que no caso de ser apreendido pela junta o governo britannico não reclamaria a sua entrega.

O Salazar Moscozo chegou ahi esta noute fugido de Estremoz.

O Gil Guedes tambem chegou. Todo o dia tem estado gente no Terreiro do Paço á espera dos vapores que deviam trazer a divisão do Gil Guedes, e que chegaram só de noute. Pensamos que foi para que a cidade não presenciase aquella miseria.

Cintra pronunciou-se ante-hontem, hontem marchou para lá uma força de 80 homens da municipal, e 18 cavallos commandados pelo caceiteiro Selvem. Esta tarde chegaram tres soldados feridos, um com tres ballas, outro com uma e outro com uma cutilada.

O marquez de Fronteira cahiu no desagrado do paço. Foi dizer ao commandante em chefe que a revolução rebentava por toda a parte mesmo entre os seus batalhões — que parecia agua a borbulhar em terreno pantanoso — O rei dis-

se-lhe que os militares eram uns *pantalões* muito arrogantes e valentes quando o perigo estava longe, fracos e medrosos quando estava perto. O marquez desforrou-se começando por ahí a tornar a culpa á falta de *generaes*.

O Shwalbak foi esconder-se em Elvas. O Alemtejo está desafrontado e todo nosso.

Lisboa tem presenciado estas idas e voltas dos *generaes* da côrte, que principiam todos os dias as suas operações, e as acabam fugindo sempre para a capital. Pois apesar d'isso o paiz está em socego, menos n'aquellas partes que occupam os insurgidos, e essas partes são o reino todo.

No *Popular* de Faro lê-se o seguinte.

Tendo fundeado na dia 22 de março pela uma hora da tarde, junto da Barra Nova, que dá entrada para a d'este porto e o d'Olhão, os vasos rebeldes, cahique *Serra do Pilar*, e cutter *Conde de Thomar*, começaram a ser chamadas a bordo todas as lanchas de pesca, que passavam, fazendo-se tiros de balla para áquellas que não obedeciam; e como a povoação d'Olhão tivesse já corrido ás armas, logo que se avistaram os ditos vasos, resolveu-se alli o embarque, em diferentes barcos, de patriotas armados, que fossem postar-se na bocca da barra, para proteger as lanchas, que recolhiam da pesca, o que se effectuou, e temos a satisfação de annunciar a nossos leitores que o resultado d'esta operação foi o apresionamento de dois esca-leres com tres soldados armados do batalhão naval, e 7 marinheiros que tinham sabido d'aquelles vasos em perseguição de umas lanchas, que não tinham querido obedecer ao chamamento.

O paquete ultimamente chegado trouxe-nos noticias do Porto de 7 até 10; o seu conteúdo é o seguinte:

«Porto 10 d'abril. — O castello de Vianna ainda resiste, porém ha bem fundadas esperanças de que succumba dentro em poucos dias. Segundo se diz faltam aos sitiados mantimentos e munições, o que é comprovado pelas diligencias que os rebeldes teem feito para communi-car por mar com o castello; as quaes tem sido todas infructuosas, e mesmo pelas correspondencias de Valença, aprehendidas, em que são promettidos soccorros que os sitiados pedem. O bombardeamento continua.

«João Carlos de Saldanha teve um jantar na

terça feira, do qual participaram os soldados. Por essa occasião diziam estes — que melhor fo-ra lhes pagassem os pretos em vez de gastarem o dinheiro em funcções. Aos officiaes estão devendo tres mezes de soldo; aos soldados algu-mas quinzenas. O Ximenes foi a Coimbra pa-rra arranjar 20 contos, porém não lhe foi pos-sivel. Em fim não tem vintem, e se d'ahi não são soccorridos, talvez haja algum tumulto se-rio.

«Partiu para o Algarve um cahique com ar-mamento. A nossa força augmenta considera-velmente; todos os corpos de linha estão em grança força. A cavallaria está boa; quando convenha poremos em campo 500 cavallos pe-lo menos.

«Ao passo que o governo de Lisboa se vê obrigado a confessar o descredito em que é ti-do no estrangeiro, a junta tem recebido pro-postas de emprestimos muito vantajosas. Para acabar com a lucta, que está assollando o paiz, apenas é preciso que se principiem as operações o que de certo não tardará.

«Corre que o Villalonga, capitão general da Galliza, vae ser exonerado.

«P. S. Agora mesmo chegou um soldado do Saldanha que confirma tudo o que a respeito da sua força deixo referido.»

Os cabralistas exultaram com o facto de ir a nau *Canopo* estacionar junto do Terreiro do Paço, e começavam a insultar os cidadãos como se cada um tivesse um inglez atraz de si para lhe guardar as costas. A e-perteza da folha official não agradou ao corpo diplomatico, e para des-engano d'essa pobre gente o consulado britan-nico affixou hoje o seguinte annuncio, que da-mos na lingua original e na traducção. Eil-o:

Notice

Notice is hereby given that Mis Hrajesty's ship *Canopus* has been stationed of the Terreiro do Paço for the purpose of affording protection to the lives and property of British Subjects in case of need.—B. Consulate the 16 t.^h of april 1847.—*W. Smith*, consul general.

Traducção

«Faz-se saber que a nau de S. M. B., *Canopo*, estacionou junto do Terreiro do Paço para dar protecção ás pessoas e propriedades dos subditos britannicos no caso de precisarem d'ella.—Consulado britannico 16 de abril de 1847.—*W. Smith*, consul geral.

O ESPECTRO

Lisboa, 18 de abril

As situações politicas somem se umas após das outras, e felizmente o horisonte da causa popular estende-se até onde pôde chegar a nosa vista.

A côrte fraca e abatida pediu a interferencia estrangeira, e a Inglaterra offereceu a sua *mediação* uma vez que o governo da rainha entrasse no caminho da legalidade e da justiça, de que sahira em 6 de outubro.

Já dissemos que se congregára a gente da governança, e que depois de muito barafustar votára pela adopção das propostas offerecidas pelo gabinete britannico; o conselho d'estado foi unanime; o ministerio dividiu-se. Aqui ficaram as cousas.

Agora sabe-se que o partido da guerra triumphou: a côrte vota por sangue.

Ainda bem que vae desamparada de Deus e dos homens. O povo folga com essa resolução; o *Espectro* tambem, porque tambem é povo. A politica ficará assim mais alliada da justiça: a mediação se honrava a humanidade, se attendia a alguns interesses embora illegalmente creados, tambem feria muita susceptibilidade, deixava intacto o germe do mal, equilibrava as forças antagonistas e rivaes, sobrecarregava a nação com obrigações que não podia desempenhar, e ficava a porta aberta para a repetição de novos attentados. Reconhecia-se o crime de 6 de outubro e não se punia; confessava-se o direito popular, e não se concluia a sua reivindicação. A soberania da nação ainda ficava mais sequestrada.

Applaudimos os acontecimentos: o proceder da côrte realça o nosso bom direito.

O paço vae fazer a guerra sem o voto das pessoas mais cordatas do seu partido. Fica assim desvirtuada a sua causa. As convicções, se as havia, desaparecem, e o que vae para o campo são as ambições ignobeis, e os interesses pessoaes.

Reuniram-se hoje (18) no paço os arautos do cabralismo. Ali se fallou nas pratas dos particulares, no emprestimo forçado, em todos os meios de assollar o paiz. Disse-se que o partido ministerial se achava comprometido por

causa da côrte, e que haveria ingratidão da parte d'esta se entregasse esse partido á junta do Porto.

A côrte pela sua parte, toda gastronomica, toda sybarita, entra ainda na lucta com intenção doble. Se vence, o systema absoluto triumphará, a sua sede de sangue é saciada, levantam-se os cadafalsos, povoam-se os presidios de Africa, e a liberdade morre. Se succumbe aproveitase da mediação, accêita as condições, e entrega os cadaveres dos seus amigos em holocausto á nacionalidade offendida, á moral publica ultrajada.

Engana-se a rainha, ou a enganam os seus conselheiros. N'este jogo de banca não se pára á primeira das duas. Todas as cousas teem um praso fatal. Ou agora ou nunca: d'aqui a momentos já é tarde. Está fechada a porta. Se a justiça suspendia o seu rigor era para attender á humanidade. Sacrificavamos á concórdia.

Dizem-nos que o ministro de S. M. B. levantára o véo do futuro á côrte, e que esclarecera a rainha a esse respeito declarando-lhe que d'ora ávante a Inglaterra não garantia nem a sua corôa nem a dynastia, e que em quanto á sua pessoa tinha alli um vaso de guerra para a receber.

Assim nem a allegação de ignorancia pôde fazer. Joga a corôa nas alturas de Palmella, mas sabe que a joga; arrisca o throno de seus avós e de seus filhos, mas sabe o que arrisca.

Tudo se prepara pois, para a guerra, e n'esta semana ou na que vem, vae abrir-se a campanha.

Para atear a guerra ainda mais chegou abi hoje o José Cabral no paquete do Sul. Dizem que a côrte o chamára. Foi visitado pelo José Castilho, pelo perna de pau, e por todos os caracteres sordidos e immundos da pandilha.

Foi o complemento da proclamação *real* de 6 de outubro. Se a causa do partido estava em scena, porque não havia de apparecer o chefe? Fica assim o Saldanha em segundo, e o general paizano outra vez vestirá aquella nododa farda, com a qual levou um tiro dos seus na rua do Porto, está quasi a fazer um anno.

Com tudo a apparição d'este astro brilhante

faz desaparecer outro. Affirma-se que o celebre Dietz nos deixa terça feira, e que a côrte julgando-o já insupportavel e grosseiro, lhe dá cartas de recommendação e *credenciaes* para tentar ainda em Londres a malfadada interferencia. Os ventos lhe sejam favoraveis, e praza aos ceus que não leve aos outros povos o germe das desgraças, que aqui nos deixou.

Definida assim a situação dos dois partidos, o popular sabe o seu dever. Tem por si o direito, a razão, e a justiça—tem por si o paiz, os votos das nações extranhas, as sympathias de todos os corações generosos, em quanto que a côrte lucha sem esperanças, sem gloria e a despeito dos conselhos de todos os seus amigos,

que a queriam e que a não podem salvar. O triunfo será nosso, e será breve.

A côrte fez-nos um grande favor optando pela guerra. Não é n'estas circumstancias a nós a quem ella prejudica. A mediação podia descontentar os homens de acção, e entregar o paiz a um partido fraco, que nós desse tregoa em lugar de paz, e que n'uma longa agonia extenuasse todas as nossas forças em vez de as reparar por adequados e promptos remedios. D'aqui a 6 mezes poderia repetir-se em 6 de outubro, o que agora é impossivel.

Vamos pois a essa operação que será dolorosa, mas que nos ha de salvar.